



*** REDACTOR PRINCIPAL ***
Alexandre Vieira
*** EDITOR ***
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
— Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134 —

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 7

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Revoltantes perseguições

Não tem tido a imprensa uma palavra de reprobção para os actos de banditismo praticados pelos lavradores do Vale de S. Tiago, o que desfavoravelmente depõe sobre a sua imparcialidade, tanto mais que, com uma paciência verdadeiramente notável, procura descobrir entre as mil insignificâncias do movimento operário, pretextos para, com escritos sofisticados, desmentar a opinião pública, apresentando-lhe as manifestações de vitalidade das hostes proletárias, como factores da desordem social e das perturbações da ordem — dessa ordem que constantemente incensa, mas que não recusa gravemente aliar quando necessário se torna a satisfazer interesses partidários, exigências de facção, que de ordinário se traduzem numa questão de gamela. Mas se verdade é que o mundo burguês fez a conjura do silêncio em torno dos estranhos e revoltantes sucessos do Vale de S. Tiago, calando-se todos os diários, desde o mais reaccionário e conservador, ao mais vincadamente democrático e radical, nós não deixaremos de erguer o nosso brado enérgico de protesto contra os lavradores do Vale de S. Tiago, que tem assolado bandos de sicários que espancam brutalmente os camaradas rurais daquela localidade, assaltam as suas moradias e chegam a ameaçar de morte as respectivas famílias, como se prova com o telegrama que demos à estampa no nosso número de anteontem.

Este estado de coisas não pode continuar. Os bandos que infestam o Vale e que na sua condenável acção são secundados pela força armada, criaram uma situação insuportável, uma atmosfera de chumbo, e de estranhar não será que os rurais, cansados de serem tam cruelmente perseguidos e acoissados como feras, se ergam num gesto de rebeldia contra o governo que tais prepotências consente, tirando retumbante desforço dos que, a coberto da cómoda denominação de defensores da ordem, procuram defender os privilégios dos detentores da terra, estrangulando os princípios de emancipação que entre os camponeses frutificam.

Ainda não satisfeitos com arremessarem para as regiões inhóspitas de África algumas dezenas de camaradas, desejando espalhar a desolação e o terror naquelas paragens, continuam os burgueses fomentando a guerra social, provocando a classe trabalhadora para a luta — e nesse desafio, nesse incitamento ao franco declarar das hostilidades, claramente são auxiliados pelas autoridades, que à sua disposição põem a guarda republicana.

Impõe-se que as crueldades do Vale de S. Tiago acabem, e se o governo com elas não terminar, se imediatamente não pizer termo às depredações dos bandos de quadrilheiros que ali pululam, ver-se-ão as classes proletárias, aquelas que tudo produzem, e que constituem as únicas forças vivas do país, na necessidade de, num acto enérgico, obrigarem as classes conservadoras, isto é: os padres, os capitalistas e os políticos, a abandonarem os seus propósitos provocadores, propósitos que mais tarde muito lamentarão terem exteriorizado. Termine-se, pois, com essas crueldades, bastando para isso que o presidente do ministério cumpra a sua palavra, cumprimento que já tarda — mandando rigorosas instruções às autoridades locais, ordenando-lhes a repressão de tais desmandos dos lavradores.

E que isso se faça rapidamente — pois representa um dever de humanidade.

No Barreiro

Realiza-se amanhã na sala da Associação dos Corticeiros do Barreiro, por volta das 4 horas, uma conferência, sendo conferente o nosso camarada Miguel Torres, que tomou por tema: *A Associação e a Financiar da Mulher*.

OS MORTOS MANDAM...

O sidonismo revive

Um operário recentemente preso conta-nos porque o foi e como foi tratado

"Prenderam-me porque estava solto e soltaram-me porque estava preso"

Acêrca das prisões de alguns camaradas nossos recentemente efectuadas, a propósito do movimento grevista em que se lançaram e encontram ainda algumas classes operárias da capital em consequência da carestia da vida, entrevistamos o nosso camarada Jerónimo de Sousa, um daqueles camaradas que, sem razão plausível nem motivo justificado, foi preso como eles, por obra e graça não se sabe de que poderosos, oculto e misterioso poder, fazendo-lhe nas declarações do sr. ministro da guerra.

Fomos encontrar Jerónimo de Sousa em sua casa, ainda mal refeito dos tormentos resultantes da sua prisão injusta. Conte-nos lá como se efectuou a sua prisão e diga, se o presume, por que motivo o prenderam.

Prenderam-me porque estava solto e soltaram-me porque estava preso. A prisão efectuou-se do seguinte modo: na segunda-feira, 5 do corrente, às 6 da manhã, quando me dispunha a levantar-me para ir para o meu trabalho, e sem que eu o esperasse, ouvi tocar a campainha da porta de minha casa.

Minha mulher foi abrir e viu um oficial do exército acompanhado por um marinheiro da armada que me procuravam. Vesti-me á pressa e apresentei-me ao referido oficial, que me convidou a acompanhá-lo, em nome do ministro da guerra.

Descei à rua, onde se encontrava um automóvel com um alferes e dois soldados e, acompanhado do sobredito oficial e do marinheiro tomel lugar no mesmo automóvel, que se pôs em marcha para casa de um outro camarada que devia também ser preso comigo, mas que, por motivo de doença, não me acompanhava.

E daí? — Conto-nos lá como se efectuou a sua prisão e diga, se o presume, por que motivo o prenderam. — Prenderam-me porque estava solto e soltaram-me porque estava preso. A prisão efectuou-se do seguinte modo: na segunda-feira, 5 do corrente, às 6 da manhã, quando me dispunha a levantar-me para ir para o meu trabalho, e sem que eu o esperasse, ouvi tocar a campainha da porta de minha casa.

Minha mulher foi abrir e viu um oficial do exército acompanhado por um marinheiro da armada que me procuravam. Vesti-me á pressa e apresentei-me ao referido oficial, que me convidou a acompanhá-lo, em nome do ministro da guerra.

Descei à rua, onde se encontrava um automóvel com um alferes e dois soldados e, acompanhado do sobredito oficial e do marinheiro tomel lugar no mesmo automóvel, que se pôs em marcha para casa de um outro camarada que devia também ser preso comigo, mas que, por motivo de doença, não me acompanhava.

E daí? — Conto-nos lá como se efectuou a sua prisão e diga, se o presume, por que motivo o prenderam. — Prenderam-me porque estava solto e soltaram-me porque estava preso. A prisão efectuou-se do seguinte modo: na segunda-feira, 5 do corrente, às 6 da manhã, quando me dispunha a levantar-me para ir para o meu trabalho, e sem que eu o esperasse, ouvi tocar a campainha da porta de minha casa.

Minha mulher foi abrir e viu um oficial do exército acompanhado por um marinheiro da armada que me procuravam. Vesti-me á pressa e apresentei-me ao referido oficial, que me convidou a acompanhá-lo, em nome do ministro da guerra.

Descei à rua, onde se encontrava um automóvel com um alferes e dois soldados e, acompanhado do sobredito oficial e do marinheiro tomel lugar no mesmo automóvel, que se pôs em marcha para casa de um outro camarada que devia também ser preso comigo, mas que, por motivo de doença, não me acompanhava.

E daí? — Conto-nos lá como se efectuou a sua prisão e diga, se o presume, por que motivo o prenderam. — Prenderam-me porque estava solto e soltaram-me porque estava preso. A prisão efectuou-se do seguinte modo: na segunda-feira, 5 do corrente, às 6 da manhã, quando me dispunha a levantar-me para ir para o meu trabalho, e sem que eu o esperasse, ouvi tocar a campainha da porta de minha casa.

mais terão vontade de meter-se em ajuntamentos e que se os seus soldados procedessem contra as suas ordens seriam rigorosamente castigados. — E vocês não protestaram contra a injustiça das suas prisões? — Queixámo-nos, um a um, mas a cada queixa respondia o dito coronel com uma pretensa justificação de cada uma das prisões, como por exemplo a de um vendedor de hortaliça que fora preso por ser encontrado a ler *A Batalha*, o que o mesmo coronel achou bem, porque, em seu conceito, este jornal é uma publicação subversiva que ele não lê.

— Mas se não a lê como sabe ele que é subversiva? — De certo que por ouvir dizer... Pedimos-lhe mantas para agasalho, no que ele respondeu não ser preciso porque estaríamos ali pouco tempo, por não poder nem querer ter-nos no quartel. E assim passámos 36 horas.

— E depois disso? — Fomos avisados de que iam sair do quartel, sem nos dizerem para onde.

— Para Monsanto talvez? — Para a Torre de S. Julião da Barra, conduzidos em dois camions em pé de guerra, juntando-se-nos no caminho mais dois camions com presos vindos do governo civil, com a competente escolta de cavalaria e infantaria da guarda republicana.

— Como os trataram na Torre? — A democracia utiliza as prisões da Torre de S. Julião da Barra, que foram mandadas encerrar pelo ditador franquista.

— Meteram-nos, todos — 49 — numa casa-mata insuportável, com uns doze metros quadrados, encharcada, bafieira, escura, com as enxergas apodrecidas e apenas, com um respiradouro.

Reclamámos, pedimos, implorámos, mesmo, que nos movessem para outra prisão mais suportável, mas foi de balde que o fizemos.

Entre os presos, conhecemos, havia dois enfermos que choravam, um deles à morte, ambos eles já idosos e professores primários.

— A quem fizeram esse pedido? — A um oficial que se declarou estranho à nossa situação, dizendo que procedia em obediência às ordens do sr. ministro da guerra, que mandou para ali os presos, sem indicação do tratamento que se lhes devia dar, além da reclusão. Entretanto fomos divididos, indo metade dos presos para outra casa-mata.

— Melhor ou pior? — Igual à outra e tam insalubre que um outro oficial que lá nos apareceu, reconheceu a justiça da nossa reclamação no sentido de se nos dar outra prisão melhor, acrescentando que aquelas prisões foram mandadas fechar pelo sr. João Franco e reabertas por ordem do sr. Norton de Matos, quando ministro da guerra, por ocasião da revolta dos soldados de infantaria 21.

— Quantos presos calcula você que se encontram agora nessa prisão do Estado?

— Eu não calculo, mas ouvi dizer que devem ser uns três mil, entre militares e civis.

— E o tratamento? Deram-lhes mantas?

— O tratamento não foi desumano, tanto da parte dos oficiais e dos sargentos, como da parte dos soldados. As mantas vieram para comer tivemos o rancho dos mesmos soldados.

— E Jerónimo de Sousa, concluindo, acrescentou que, muito embora se encontrasse livre daquele inferno inadmissível e injustificável no regime republicano, que não pode nem deve deixar de ser um regime liberal e, por conseguinte, humano, não pode esquecer-se do que sofreu ali nem dos desgraçados que lá ficaram, não se sabe por quanto tempo e para que misterioso destino, entre eles muitos soldados condenados de seis a vinte anos de prisão, um deles por ter comido o conteúdo de duas latas de conserva, quando em França e em serviço de campanha!

— Os direitos do homem; as bastilhas; a liberdade, a igualdade e a fraternidade!

LER NA 4.ª PAGINA

Noticiário diverso

Jornada de 8 horas

O dia de 8 horas no Porto

Comunicam-nos que, tendo os industriais mecânicos em madeira concedido voluntariamente aos seus operários o regulamento de 8 horas, 3 do corrente, nesse mesmo dia se arrependeram, comunicando-lhes que, a partir do dia 5 do corrente, seria restabelecido o horário antigo.

Em face disto os operários daquela indústria imediatamente se puzeram em greve e, para a solucionar, ficou assente numa reunião conjunta de operários e patrões, realizada em 6 do corrente, ser implantado definitivamente o horário de 8 horas às seguintes e importantes fábricas: Construtora, A Rival, Cassagne, Companhia Aurifícia, A Moeda e Poplar.

NOTAS & COMENTÁRIOS

As greves e a reacção

Não fazem os operários greve porque os acate a miséria ou porque a isso os impila uma necessidade imperiosa. Fazem greve simplesmente porque os agitadores reaccionários, intrometendo-se nas associações, os incitam e empurram para a luta. Sem estes agitadores reaccionários pagos, a massa operária manter-se-ia por séculos resignada e quieta, conformada em absoluto com a sua sorte e com a sua situação. O diabo são os tais reaccionários pagos, sem os quais nenhuma greve estalará. Pelo menos é este o parecer que *O Mundo* ontem expôs em editorial. Estas coisas dizem-se, escrevem-se e o papel consente-as, porque o papel consente sempre o que lhe põem. Mas não se provam. Entendem talvez aqueles que as publicam que não é preciso provar asserções de tamanha gravidade. Basta fazê-las e deixá-las correr. Em boa verdade não é o processo por demasiadamente escrupuloso. De resto, a atoarda é lançada e repetida para só ser acreditada pelos que do funcionamento sindical não fazem a menor ideia. Numa associação de classe quasi se conhecem todos uns aos outros, e se os tais agentes, reaccionários ou democráticos, tivessem a infeliz ideia de lá se intrometer, pregando a revolta ou a violência, a ninguém iludiriam. Nas assembleias corporativas fariam apenas os sindicatos. Fulano de tal, número tantos, trabalhando em tal parte. As reclamações são discutidas, votadas, aprovadas por todos. Apresentam-se ao patronato que em regra recusa atendê-las. Como recurso último apela-se para a greve. E assim, com esta simplicidade, que as coisas se fazem. *O Mundo* não o ignorará por certo. Mas a usar da linguagem clara da verdade, prefere inspirar-se na ária jesuítica de D. Basílio.

Estavam ali Max Dearly, Tarride, Lugné Poe, René Faudou e Gerbault, da Comédie Française; Mary Hett, Gaston Severin, Savoy, etc.

Elita a mesa, tomou lugar na presidência o maquinista de um coliseu dos "boulevards" e serviu como secretária a famosa e formosa Mary Hett, artista das mais estimadas em Paris.

Os primeiros discursos foram pronunciados por Paul Dauboy e Pierre Campana, em nome dos artistas dramáticos. Afirmaram que todos os seus colegas que ali representavam, queriam ingressar na Confederação Geral do Trabalho. Acrescentaram que já tinham conseguido dos directores a promessa de um contrato-tipo e de um salário mínimo. Não se fiavam, porém, com promessas; exigiam realidades imediatas. Já a união dos artistas no Sindicato, no lado dos operários organizados, lhes parecia a arma suficiente. Ao Sindicato se acolhiam, resolvidos a vencer.

M. Pierre Campana protestou contra a exigência dos salários dos coristas, entendendo que devam ser elevados, e que para o conseguir se irá até à greve. Censurou os privilégios da profissão que ganham milhares de francos por dia, enquanto outros cooperadores dos espectáculos, também indispensáveis, ganham risíveis ordenados.

Quando este orador acabava de falar, appareceu na sala Jouhaux, o secretário da Confederação Geral do Trabalho, que poucas horas mais tarde havia de ser ferido numa manifestação.

Com a costumeada eloquência, simultaneamente irónica e profunda, disse coisas interessantes. E enquanto o enérgico pioneiro da emancipação dos trabalhadores falava, os artistas admiravam-lhe o gesto e a dicção.

Jouhaux começou o seu discurso saudando os novos combatentes e continuou: — Pela primeira vez, vejo-vos entre nós. Admirável e estranho acontecimento! Distribuíram-vos na vida o encargo de distrair, de comover, de divertir, de fazer chorar... Parece que vistes muito longe do povo. No entanto vindes ao povo para defender o vosso direito à existência e também porque acabais de compreender que sois solidários com o povo. E' porque obedeceis unicamente ao interesse? Não! E' porque vistes que estamos em um momento de transformação, no começo de uma

Queiros, ali no Largo do Quinze.

O que o ministro não pôe a nu nem é possível apurar é que crimes foram esses, exceptuando o incêndio dum parte do Limoeiro, verdadeiro alôbre de epidemias e moléstias contagiosas e bem assim de todos os tuberculosos possíveis e imagináveis que, em vez de incendiado, como o foi agora por alguns presos de delicto comum, devia, há muito, ter sido arrazado, como todas as bastilhas portuguesas, suas congêneres, outras tantas escolas de vício e perdição onde nunca pôs os pés o ministro da instrução e onde ainda não entraram nem hão de entrar tantíssimos patifes que andam por aí sem retranca nem bridade, fazendo a desgraça de tudo e de todos, como por exemplo os açambarcadores do alimentício.

Exposição e concurso de gados

Realiza-se em Elvas, nos dias 18 e 19 do corrente mês, uma exposição e concurso de gados. Foi distribuído um edital prevenindo todos os criadores e possuidores de gado do distrito de Portalegre de que, à semelhança dos anos anteriores, o Sindicato Agrícola de Elvas leva a efeito aquela exposição regional para todas as espécies de gado, bem como os concursos oficiais de gado bovino, suíno, ovino, caprino e cavalo, com prémios pecuniários, aos quais podem concorrer todos os criadores do país, devendo todo o gado inscrito dar entrada no recinto da exposição no dia 18, de manhã.

A situação económica da Bélgica

BRUXELAS. 6. — Aumentam na Bélgica as manifestações da opinião para ser chamada a atenção das potências aliadas sobre a situação económica e financeira da Bélgica e o apoio para a sua...

O sindicalismo no Teatro

Decididamente, o Sindicalismo vai ganhando todas as classes, ainda mesmo aquelas que mais refractárias tem sido ao movimento de ideias e de emancipação social.

No 1.º de Maio deste ano, os artistas de teatro de Paris e todo o pessoal cooperador nos espectáculos tomaram lugar ao lado do proletariado organizado e, como ele, dispuseram-se a reivindicar regalias que até agora lhes tem sido negadas pelos empresários e directores das casas de espectáculos.

Pela primeira vez, a grande sala de reuniões da Bolsa de Trabalho foi invadida por milhares de artistas dramáticos e líricos, músicos, coristas, bailarinas, scenógrafos, maquinistas, electricistas e circo. O sexo feminino foi o que em maior número se fez representar; e operadores de cinematógrafos constituíram um grupo extremamente numeroso.

Queriam todos eles celebrar o 1.º de Maio, confessando a sua nova fé sindicalista. Eram mais de cinco mil, e não se julgue que haviam corrido ao apelo da "Federação do Pessoal de Espectáculos" apenas os trabalhadores de inferior categoria teatral.

Estavam ali Max Dearly, Tarride, Lugné Poe, René Faudou e Gerbault, da Comédie Française; Mary Hett, Gaston Severin, Savoy, etc.

Elita a mesa, tomou lugar na presidência o maquinista de um coliseu dos "boulevards" e serviu como secretária a famosa e formosa Mary Hett, artista das mais estimadas em Paris.

Os primeiros discursos foram pronunciados por Paul Dauboy e Pierre Campana, em nome dos artistas dramáticos. Afirmaram que todos os seus colegas que ali representavam, queriam ingressar na Confederação Geral do Trabalho. Acrescentaram que já tinham conseguido dos directores a promessa de um contrato-tipo e de um salário mínimo. Não se fiavam, porém, com promessas; exigiam realidades imediatas. Já a união dos artistas no Sindicato, no lado dos operários organizados, lhes parecia a arma suficiente. Ao Sindicato se acolhiam, resolvidos a vencer.

M. Pierre Campana protestou contra a exigência dos salários dos coristas, entendendo que devam ser elevados, e que para o conseguir se irá até à greve. Censurou os privilégios da profissão que ganham milhares de francos por dia, enquanto outros cooperadores dos espectáculos, também indispensáveis, ganham risíveis ordenados.

Quando este orador acabava de falar, appareceu na sala Jouhaux, o secretário da Confederação Geral do Trabalho, que poucas horas mais tarde havia de ser ferido numa manifestação.

Com a costumeada eloquência, simultaneamente irónica e profunda, disse coisas interessantes. E enquanto o enérgico pioneiro da emancipação dos trabalhadores falava, os artistas admiravam-lhe o gesto e a dicção.

Jouhaux começou o seu discurso saudando os novos combatentes e continuou: — Pela primeira vez, vejo-vos entre nós. Admirável e estranho acontecimento! Distribuíram-vos na vida o encargo de distrair, de comover, de divertir, de fazer chorar... Parece que vistes muito longe do povo. No entanto vindes ao povo para defender o vosso direito à existência e também porque acabais de compreender que sois solidários com o povo. E' porque obedeceis unicamente ao interesse? Não! E' porque vistes que estamos em um momento de transformação, no começo de uma

Queiros, ali no Largo do Quinze.

O que o ministro não pôe a nu nem é possível apurar é que crimes foram esses, exceptuando o incêndio dum parte do Limoeiro, verdadeiro alôbre de epidemias e moléstias contagiosas e bem assim de todos os tuberculosos possíveis e imagináveis que, em vez de incendiado, como o foi agora por alguns presos de delicto comum, devia, há muito, ter sido arrazado, como todas as bastilhas portuguesas, suas congêneres, outras tantas escolas de vício e perdição onde nunca pôs os pés o ministro da instrução e onde ainda não entraram nem hão de entrar tantíssimos patifes que andam por aí sem retranca nem bridade, fazendo a desgraça de tudo e de todos, como por exemplo os açambarcadores do alimentício.

Exposição e concurso de gados

Realiza-se em Elvas, nos dias 18 e 19 do corrente mês, uma exposição e concurso de gados. Foi distribuído um edital prevenindo todos os criadores e possuidores de gado do distrito de Portalegre de que, à semelhança dos anos anteriores, o Sindicato Agrícola de Elvas leva a efeito aquela exposição regional para todas as espécies de gado, bem como os concursos oficiais de gado bovino, suíno, ovino, caprino e cavalo, com prémios pecuniários, aos quais podem concorrer todos os criadores do país, devendo todo o gado inscrito dar entrada no recinto da exposição no dia 18, de manhã.

A situação económica da Bélgica

BRUXELAS. 6. — Aumentam na Bélgica as manifestações da opinião para ser chamada a atenção das potências aliadas sobre a situação económica e financeira da Bélgica e o apoio para a sua...

nova era da história das evoluções sociais.

Depois de largos anos de dor e de silêncio, os povos podem emitir dítar a sua vontade.

Quando, depois de uma eloquente exortação aos artistas, o orador terminou, na sala irromperam, estrondosos e delirantes, os aplausos. Foi um espectáculo bizarro e comovedor aquele que ofereciam as atrizes e os actores de Paris aplaudindo com frenesi um dos mais temidos chefes do sindicalismo mundial.

Felto silêncio, sobe à tribuna M. Carpentier. Fala em nome dos artistas desmobilizados. O seu discurso deixa-nos a impressão de que viu muita dor, muito sofrimento. Termina com esta afirmação dita num tom categorico: "Os mortos da guerra ordenam-nos que fundemos um mundo melhor!"

Neste momento surge na sala uma delegação de directores de teatros. Constituem-na os srs. Dufrenne, Dufrey e Volterra. Pedem que se lhes deixe expor a sua opinião, e a palavra é-lhes concedida.

E' M. Dufrenne quem fala; o seu discurso é um grito contra os artistas mal pagos, que põem a empenhosa e os directores as facas aos peitos e os obrigam a firmar contratos leoninos. "De boa vontade — diz M. Dufrenne — aumentaríamos os salários aos artistas modestos; é, porém, preciso reduzir os dos tiranos da scena." Ajudai-nos a vencer estes — exclama — e será eterna a nossa gratidão pela Confederação Geral do Trabalho.

A assembleia ovaciona-o e promete-lhes ajuda.

Pobres vedettes! O Sindicalismo teatral ameaça-as nos seus pingues rendimentos.

Por último falaram M. Sempé, pelos professores de orquestra; M. Favart, pelos artistas líricos; e M. Velay, pelos coristas. Entre outras reclamações, todos estavam de acordo na supressão das agências teatrais.

Elegeu-se um Comité inter-sindical que elaborará um programa de reivindicações o qual será submetido à aprovação de uma outra assembleia. Se esse programa for aprovado e não for aceite pelos empresários e directores, os artistas declararão a greve e Paris ver-se-á privado de espectáculos.

A reunião terminou pela Internacional cantada por mais de cinco mil artistas e trabalhadores de teatro.

(De El Sol)

Leiam na terça-feira em A BATALHA

Regeneração

ROMANCE SOCIAL DE CURVELO DE MENDONÇA

que A BATALHA vai publicar em folhetins

Orfeão Social

Os ensaios do Orfeão Social, que por estes dias tem estado interrompidos, por virtude de proceder-se à adaptação das peças musicais escolhidas, vão reançar a começar muito em breve. A inscrição para executantes de ambos os sexos encontra-se ainda aberta, todos os dias na redacção de A Batalha.

Um processo célebre

Humbert absolvido — Lenoir condenado à morte

PARIS, 8. — Foi lido o veredicto do júri do processo Humbert-Lenoir. Desouches-Ladoux. Lenoir é condenado à morte. Desouches o cinco anos de prisão. Humbert e Ladoux foram absolvidos. Desouches foi também condenado ao pagamento de 20.000 francos de multa.

Um processo célebre

Humbert absolvido — Lenoir condenado à morte

PARIS, 8. — Foi lido o veredicto do júri do processo Humbert-Lenoir. Desouches-Ladoux. Lenoir é condenado à morte. Desouches o cinco anos de prisão. Humbert e Ladoux foram absolvidos. Desouches foi também condenado ao pagamento de 20.000 francos de multa.

Um processo célebre

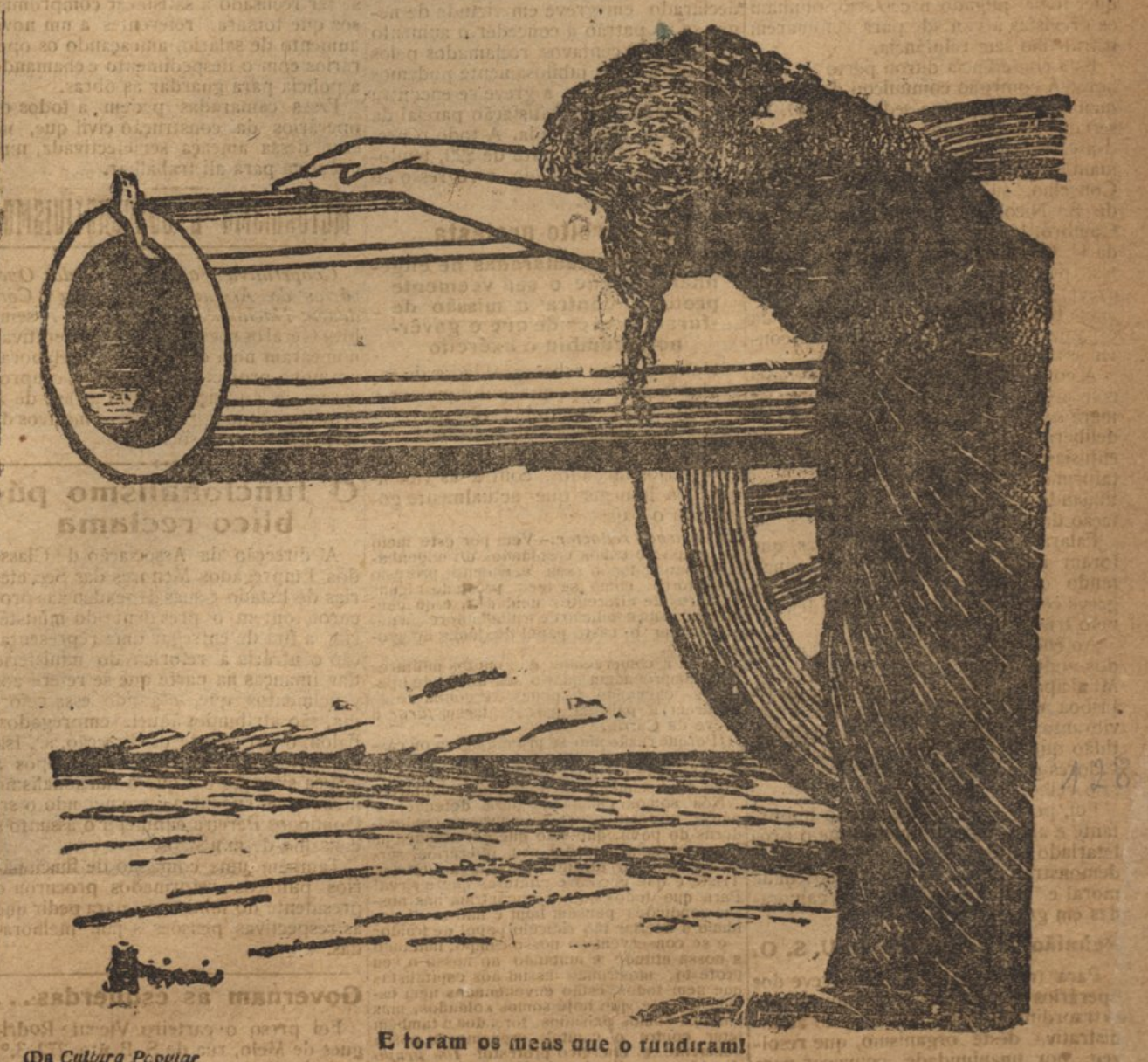
Humbert absolvido — Lenoir condenado à morte

PARIS, 8. — Foi lido o veredicto do júri do processo Humbert-Lenoir. Desouches-Ladoux. Lenoir é condenado à morte. Desouches o cinco anos de prisão. Humbert e Ladoux foram absolvidos. Desouches foi também condenado ao pagamento de 20.000 francos de multa.

Um processo célebre

Humbert absolvido — Lenoir condenado à morte

PARIS, 8. — Foi lido o veredicto do júri do processo Humbert-Lenoir. Desouches-Ladoux. Lenoir é condenado à morte. Desouches o cinco anos de prisão. Humbert e Ladoux foram absolvidos. Desouches foi também condenado ao pagamento de 20.000 francos de multa.



Da Cultura Popular

E foram os meus que o fundaram!

Jornal do Público

Protestos e reclamações

O 1.º de Maio no Liceu de Passos Manuel

Do sr. Artur Maria de Almeida, contínuo do Liceu de Passos Manuel, recebemos a carta que segue:

Sr. Redactor. — Segundo uma nota publicada na imprensa, foi deliberado em conselho de ministros que fosse feriado o 1.º de Maio em todas as repartições do Estado. Em virtude de tal deliberação não comparecemos, alguns empregados menores do pessoal daquele liceu, verificando com espanto que nos tinham sido marcada falta. Sendo em empregado do Estado há doze anos, e nunca uma única falta me tendo sido marcada, a não ser quando estive doente três meses, não me conformei com esta injustiça e à margem da nota da minha falta escrevi a palavra «feriado». Disto não gostou o sr. Sebastião Rolão, chefe do pessoal menor que, não contente em ter atingido o lugar que ocupa indevidamente, desse lugar se servia para exercer perseguições aos seus colegas, alguns mais antigos que ele e que, portanto, lhe deveriam merecer respeito. E como não gostou o sr. Rolão, confiou-se a leitura do livro do ponto à presença do Reitor, fez com que este senhor me repreendesse por eu ter tido a ousadia de querer aproveitar-me de uma regalia que o Estado concede. Achei o sr. Reitor irregular o meu gesto, e não acha irregular o facto de se ter desrespeitado naquele liceu, a nota publicada na imprensa, de tolerância de ponto no dia 1.º de Maio.

Para que v. seja a injustiça de que fui vítima, basta dizer que as aulas naquele dia foram suspensas antes do meio dia, não devendo, portanto, ser marcada falta aos empregados que não compareceram. Não o entenderam, porém, assim o sr. Rolão, que tendo sido arvorado em chefe e mais tarde nomeado efectivo, sem ter marcado passo interinamente um ano no lugar de empregado menor, como manda a lei, se aproveitou do seu posto para perseguir aqueles que não são da sua grei. Para estas injustiças não ficarem de pé com risco de perturbação nos serviços públicos, bom será que o governo notifique a todas as repartições públicas que foi feriado ou houve tolerância de ponto naquele dia.

Pego sr. redactor me desculpe, mas é necessário não deixar sem protesto esta violência dum tiranete que deve convencer-se de que não é prudente continuar no caminho trilhado, pois a paciência tem limites.

Injustiça a que urge pôr cobro

Com esta epigrafe, publicou recentemente *A Batalha* uma carta do camarada António Maria Bento, em resposta à qual o camarada pintor Francisco Santos Cruz, vogal da indústria da construção civil e no Tribunal dos Accidentes no Trabalho, responde com outra carta em que, resumidamente, diz o seguinte:

No dia 10 de Abril desceu ao tribunal de que sou componente um processo movido pelo sr. António Maria Madeira, contra o sr. Francisco Mega, sendo sinistrado o companheiro António Maria Bento. E tanta justiça e dignidade houve, por parte dos vogais da classe operária e patronal, que por todos foi reconhecida a razão que assistia à vítima do exercício da sua profissão e a responsabilidade que cabe ao empregador, sr. António Maria Madeira. Se não estou em erro, o acordo de veria realizar-se no dia 29 de Abril. De sorte que, camarada redactor, não existe motivo para se julgar que os vogais da classe operária no tribunal discutiram os assuntos que lhes compete resolver ou que faltam ao cumprimento dos seus deveres.

Reclamando humanidade...

Datada de 26 do mês p. p., recebemos uma carta de todos os doentes que se encontram no hospital da Boa-Flores, em que estes nos pedem que nas colunas de *A Batalha*, intercedamos junto de quem compete, para que, a exemplo do que acontece em todos os hospitais, quer civis quer militares, sejam concedidos dias de visitas a suas famílias. Enquanto muitas dos reclamantes se contorcem com dores, a que a visita de seus parentes e amigos serviria de lenitivo, o regime hospitalar facultalhes... jaudício de miséria!

Hospital de Manilados de Guerra

Fomos procurados por uma comissão de camaradas que trabalham neste estabelecimento, em Campolide, pedindo-nos que chamemos a atenção do ministro da guerra para o facto de ainda lhes não terem sido pagos os aumentos de 30 por cento, em atraso, relativos a 21 dias. Não sabem aqueles camaradas explicar este facto, pois nos outros estabelecimentos dependentes do ministério da guerra já esses débitos foram satisfeitos e só ali se verifica tal excepção. O tesoureiro daquele estabelecimento procurado pelos interessados declarou primeiro que não estavam ainda pagas as folhas e depois que não tinha verba. Ora, francamente a importância não é tão elevada que justifique tal medida, que causa bastante transtorno a aqueles nossos camaradas.

Atenção

Alfred Henry Bonnard, proprietário de patente de invenção n.º 9875, concedida a 12 de Junho de 1917, para «Aperfeiçoamento na preparação de carvão vegetal ou que a isso diga respeito», desejando que aquele invento seja o mais possível aproveitado, de que se pronuncia a conceder licença para o gozo parcial do privilégio ou mesmo a vender a patente. Correspondência a Bonifade Tennant, 112, Hatton Garden, Londres. (165)

Colhido por uma carroça

Para a enfermagem (infantil) do hospital da Estafania, entrou Sílvia Freitas, de 6 anos, filha do Manuel de Freitas e da Maria Prolas, residente na calçada do Poço dos Mouros, 72, loja, que foi colhido por uma carroça no largo de Arroios, que derribando o debruço o muito confuso por todo o corpo.

Reclamações corporativas

Manipuladores de tabaco

Uma comissão representativa do pessoal dos tabacos das fábricas de Lisboa e Porto vem de entregar ao ministro das finanças, ao conselho de administração da Companhia dos Tabacos e ao comissário do governo junto da mesma companhia as seguintes reclamações, aprovadas em assembleas dos respectivos sindicatos:

- 1.º Para o pessoal de serviço braçal e continuo, o salário mínimo de 1890.
- 2.º Para o pessoal de serviço braçal, mas em serviço nas oficinas do pique, secador, molha de tabaco, breoa, moagem, peneiras de tabaco em seco, formos, molha de tabaco para piteiros de rapé, laminagem de chumbo e respectiva função, amoladores de facas, prensas de fazer fardos, avindores, empilhadores, carga e descarga, fora dos armazéns de tabaco em rocha, carga e descarga de vagões em trabalho do depósito, o abono de 820.
- 3.º Para as operárias classificadas como jornalistas, o salário mínimo de 1890.
- 4.º Guardas e revesteiras: para os primeiros, o salário mínimo de 2400, sendo as rondas nocturnas pagas por metade do salário; para as segundas, o salário mínimo de 2400, sendo as rondas nocturnas pagas por metade do salário; para as segundas, o salário mínimo de 2400, sendo as rondas nocturnas pagas por metade do salário.
- 5.º Para os oficiais de oficina, tais como carpinteiros, pedreiros, pintores, carpinteiros, serralheiros, torneiros, fundidores, ferreiros, maquinistas, ajudantes de maquinistas, litógrafos, tipógrafos, encadernadores e serradores, o salário mínimo de 2400.
- 6.º Para meios oficiais dos officios acima citados, incluindo marguadoras, o salário mínimo de 1890.
- 7.º Para os aprendizes dos officios acima citados, o salário mínimo de 1890.
- 8.º Para os fogueiros das fábricas, o salário mínimo de 2400.
- 9.º Serventes de officinas, ajudantes de ferreiro, cortadores de papel e ajudantes de fogueiro, o salário mínimo de 1890, acrescido de 820 de abono, por motivo de excepção de serviço.
- 10.º Para os operários que fazem a limpeza das condutas das caldeiras, o abono de 820 por dia de limpeza.
- 11.º Para os officios que fazem serviço nos piteiros, assim como para os que fazem serviço de chafariz ou abono de 820.
- 12.º Todos os operários empregados (da Regie e extraordinários) que tenham média inferior a 1890, terão um aumento até paridade a importância diária de 2400, e os que tenham média superior a 1890, terão um aumento de 1890 diários.
- 13.º Para quando o pessoal (da Regie ou extraordinário) seja licenciado pela Companhia, esta seja obrigada a pagar-lhe o mesmo salário de 2400 do jornal de média diária, incluindo o actual aumento pedido.
- 14.º Quando o pessoal (da Regie ou extraordinário) se encontrar em estado de doença, durante todo o tempo de doença, além do que está estabelecido.
- 15.º Quando o pessoal dos operários reformados seja elevado à quantia de 1890 diários.
- 16.º Para que a Companhia crie um posto de socorro médico e farmacêutico em cada uma das suas fábricas e mais dependências, assim como a criação de estabelecimentos balnearios.
- 17.º Para que ao pessoal (da Regie e extraordinário) sejam concedidos 30 dias de licença com vencimento em cada ano, e em qualquer ocasião a escolha dos mesmos operários, a exemplo do que sucede com os empregados.
- 18.º Quando qualquer operário (da Regie e extraordinário) seja suspenso, e se verifique que o foi injustamente, a Companhia seja obrigada a indemnizar o referido operário dos dias em que o mesmo esteve suspenso, e nunca podendo a indemnização ser inferior ao seu salário.
- 19.º Para que, a exemplo do que sucede aos empregados, sejam pagos aos operários (da Regie e extraordinário) todos os feriados.
- 20.º Para que futuros operários aufram todos os direitos e regalias que os actuaes possuem, incluindo os aumentos constantes do presente reclamatório.
- 21.º Rigoroso cumprimento da ordem de serviço n.º 57.
- 22.º Para os praticantes fabris, o salário mínimo de 2400 mensais.
- 23.º Ajudantes de 5.º, 7500; ajudantes de 2.º, 7800; ajudantes de 1.º, 8100; capatazes e apontadores, 8000, também mensais.
- 24.º Estas reclamações terão o seu início no dia 1.º de Maio próximo passado.
- 25.º Immediato cumprimento da condição 6.ª do acordo celebrado entre os operários e o governo em 7 de Junho de 1918.

Publicações à venda

Administração de A BATALHA

- Na administração deste jornal encontram-se à venda várias publicações literárias que nos foram oferecidas pelos editores para auxilio do órgão dos trabalhadores.
- Entre outras, encontram-se as seguintes:
- Hino de *A Batalha*, música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black. \$10
 - Numero especial do semanário humorístico *O Zé*, dedicado ao 1.º de Maio. \$04
 - A Razão* (Poema social) do operário gráfico Alfredo Neves Dias. \$05
 - Jesus na guerra, por Adrian do Vale, tradução de Jorge Gonçalves. \$50
 - A Rússia Nova*, por Henriette Roland, introdução de Perfeito de Carvalho. \$10
 - O Terrorismo em França*, por Henrique Varennes, tradução de Grácio Ramos. \$70

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Em reunião de ontem, tomou conhecimento dos resultados das diligências feitas pela sua comissão de melhoramentos junto do ministro do commercio. Com manifesto fôlito da numerosa assistência, os comissionados comunicaram que o sr. João Martins accedera às reclamações da classe, podendo esta por conseguinte, contar com as seguintes melhorias: além de outras de menor importância:

Reintegração nos seus antigos lugares dos operários que deles se encontravam afastados; fixação do quadro do pessoal braçal; criação de uma caixa de pensões e reformas; adição de 50 centavos de subvencão aos salários; abono da nova subvencão de 75 centavos; a título provisório até que se melhorasse a situação económica; pagamento das horas extraordinárias a razão de 30 centavos; quinze dias de licença anual com vencimento e subvencão igual subvencão aos reformados e pensionados; subsidio de um escudo por dia de serviço fôr de S. Julião da Barra; abono de 15 escudos mensais aos tabos de mar ao serviço do porto de Lisboa.

Quedas desastrosas

Para a enfermagem (4 Santo António do hospital de S. José, entrou Francisco António Cabecinha, de 78 anos, jornalista, residente no pateo do Picaço, 15, em Marvila, que deu uma queda na residência, fracturando a perna direita.

Os que roubam fôrça da lei

Queixaram-se à policia Adelaide Maria Ferreira, rua do Carrião, 6, 3.º, de que um carro eléctrico na rua Augusta lhe furtaram uma pequena mala com a quantia de 11000; Joaquim António, residente numa barraca junto à estação do Cais do Sodré, de que lhe furtaram de uma mala a quantia de 20000; Joaquim Gabriel da Silva, rua Newton, 9, de que sua criada Maria Maxima, se ausentou com vários objectos no valor de 9000; Joana Jacinto, rua da Bela Vista, 24, de que tendo-se despedido da casa onde servia, na Avenida da Republica, 35, 4.º, entregou a sua mala com objectos no valor de 9000 a uma mulher que ali ia pedir esmola, esta desapareceu com a referida mala.

A Batalha em Faro

Vende-se na Livraria Farense de Tavares & Brito em Tabacaria Capela.

A BATALHA

NO PORTO

Os encadernadores também pretendem o aumento de salário

PORTO, 8.—A Associação dos Operários Encadernadores e anexos do Porto effectou uma assemblea magna para tratar do aumento de salário. Depois duma entusiastica exortação feita a classe pelo presidente, salientando a necessidade da unificação de todos os presentes, tanto mais que, pertencendo às classes gráficas, tem o dever de dar o exemplo caminhando na vanguarda das reclamações operárias, usou da palavra Joaquim Silva e Joaquim J. Simões, que tratam com clareza o assunto. O último, que também se occupou do salário mínimo, apresentou uma moção saudando o jornal *A Batalha* e offerecendo a solidariedade moral e material aos operários em luta pelas oito horas — moção que foi aprovada por unanimidade. Por fim, foi nomeada uma comissão de quatro membros para, conjuntamente com a direcção, estudar a forma de se formular a petição acima mencionada.

Os officios de ourives de prata já usufruem o horário das 8 horas

A Associação de Classe dos Officiaes de Ourives de Prata reúnio, no domingo, em assemblea magna, para apreciar a attitudo dos industriais perante a reclamação das oito horas, expressa numa circular, enviada, por aquela colectividade, em 16 de março findo. Depois de verificado, pelas comunicações recebidas dos delegados das officinas e fábricas, que uma parte dos patrões só resolveria a questão consoante as decisões da sua classe, que a mesma hora estava reunida, apesar de uma outra parte manifestar a sua disposição de atender os reclamantes — foi nomeada uma comissão para ir entender-se com os industriais reunidos, a fim dos ourives de prata deliberarem o definitivo caminho a seguir, recebendo uma resposta satisfatória, motivo porque a assemblea se encerrou com entusiasticas vivas à solidariedade operária, U. O. N. e às 8 horas para todos os trabalhadores. Atendendo à reconhecida dos respectivos patrões, a classe dos ourives de prata não precisou de se lançar em greve, usufruindo o horário das 8 horas, como já disse em outra carta, desde segunda-feira.

Publicações à venda

Administração de A BATALHA

- Na administração deste jornal encontram-se à venda várias publicações literárias que nos foram oferecidas pelos editores para auxilio do órgão dos trabalhadores.
- Entre outras, encontram-se as seguintes:
- Hino de *A Batalha*, música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black. \$10
 - Numero especial do semanário humorístico *O Zé*, dedicado ao 1.º de Maio. \$04
 - A Razão* (Poema social) do operário gráfico Alfredo Neves Dias. \$05
 - Jesus na guerra, por Adrian do Vale, tradução de Jorge Gonçalves. \$50
 - A Rússia Nova*, por Henriette Roland, introdução de Perfeito de Carvalho. \$10
 - O Terrorismo em França*, por Henrique Varennes, tradução de Grácio Ramos. \$70

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Em reunião de ontem, tomou conhecimento dos resultados das diligências feitas pela sua comissão de melhoramentos junto do ministro do commercio. Com manifesto fôlito da numerosa assistência, os comissionados comunicaram que o sr. João Martins accedera às reclamações da classe, podendo esta por conseguinte, contar com as seguintes melhorias: além de outras de menor importância:

Reintegração nos seus antigos lugares dos operários que deles se encontravam afastados; fixação do quadro do pessoal braçal; criação de uma caixa de pensões e reformas; adição de 50 centavos de subvencão aos salários; abono da nova subvencão de 75 centavos; a título provisório até que se melhorasse a situação económica; pagamento das horas extraordinárias a razão de 30 centavos; quinze dias de licença anual com vencimento e subvencão igual subvencão aos reformados e pensionados; subsidio de um escudo por dia de serviço fôr de S. Julião da Barra; abono de 15 escudos mensais aos tabos de mar ao serviço do porto de Lisboa.

Quedas desastrosas

Para a enfermagem (4 Santo António do hospital de S. José, entrou Francisco António Cabecinha, de 78 anos, jornalista, residente no pateo do Picaço, 15, em Marvila, que deu uma queda na residência, fracturando a perna direita.

Os que roubam fôrça da lei

Queixaram-se à policia Adelaide Maria Ferreira, rua do Carrião, 6, 3.º, de que um carro eléctrico na rua Augusta lhe furtaram uma pequena mala com a quantia de 11000; Joaquim António, residente numa barraca junto à estação do Cais do Sodré, de que lhe furtaram de uma mala a quantia de 20000; Joaquim Gabriel da Silva, rua Newton, 9, de que sua criada Maria Maxima, se ausentou com vários objectos no valor de 9000; Joana Jacinto, rua da Bela Vista, 24, de que tendo-se despedido da casa onde servia, na Avenida da Republica, 35, 4.º, entregou a sua mala com objectos no valor de 9000 a uma mulher que ali ia pedir esmola, esta desapareceu com a referida mala.

A Batalha em Faro

Vende-se na Livraria Farense de Tavares & Brito em Tabacaria Capela.

A BATALHA

Optimo café

Torrado ou moido LOTE ESPECIAL DA NOSSA CASA

Quilo 1\$20 Rua Garrett, 13 a 23 Jerónimo Martins & Filho

GRANDES SALDOS

MEIAS

Para senhora:	Para homem:
500 340	400 300
600 380	500 360
1000 650	600 450
1200 800	700 500
1500 1000	1500 1000

de cores e pretas

Para senhora:

Para senhora:	Para homem:
500 340	400 300
600 380	500 360
1000 650	600 450
1200 800	700 500
1500 1000	1500 1000

Para homem:

Para senhora:	Para homem:
500 340	400 300
600 380	500 360
1000 650	600 450
1200 800	700 500
1500 1000	1500 1000

CASA PROGRESSO Rua D. Pedro V, 59 a 63 (Esquina da Rua da Rosa)

CLINICA DENTARIA

Tratamentos de doenças da boca e extração de dentes absolutamente sem dor. Colocação de dentes artificiais pelo sistema americano (sem paina). Extração gratuita de dentes sem dor à classe operária, às terças e quintas feiras das 9 às 11. Tratamento a prestações, com 20 % de abatimento; sendo 10 % para a Batalha e 10 % para o cliente.

BARROS MARINHAS Rua da Assunção, 25, 3.º (esquina da rua da Prata)

Chá Olong Formosa

(Finíssimo) QUILO 7\$00

Descontos aos revendedores Este chá tem a particularidade de se adoçar com pouco açúcar.

JERONIMO MARTINS & FILHO Rua Garrett, 13 a 23

A BATALHA

vende-se em todas as tabacarias

"ESTORIL"

Estabelecimento thermal Abertura a 10 de Maio

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade Anónima Estatutos de 30 de Novembro de 1894. Sêde: Estação do Rocio-Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o pedido em requerimento da divisão de Via e Obras, a pensão por elle legada como pensão de reforma.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade Anónima Estatutos de 30 de Novembro de 1894. Sêde: Estação do Rocio-Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o pedido em requerimento da divisão de Via e Obras, a pensão por elle legada como pensão de reforma.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade Anónima Estatutos de 30 de Novembro de 1894. Sêde: Estação do Rocio-Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o pedido em requerimento da divisão de Via e Obras, a pensão por elle legada como pensão de reforma.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade Anónima Estatutos de 30 de Novembro de 1894. Sêde: Estação do Rocio-Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o pedido em requerimento da divisão de Via e Obras, a pensão por elle legada como pensão de reforma.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade Anónima Estatutos de 30 de Novembro de 1894. Sêde: Estação do Rocio-Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o pedido em requerimento da divisão de Via e Obras, a pensão por elle legada como pensão de reforma.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade Anónima Estatutos de 30 de Novembro de 1894. Sêde: Estação do Rocio-Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o pedido em requerimento da divisão de Via e Obras, a pensão por elle legada como pensão de reforma.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes Sociedade Anónima Estatutos de 30 de Novembro de 1894. Sêde: Estação do Rocio-Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o pedido em requerimento da divisão de Via e Obras, a pensão por elle legada como pensão de reforma.

Banco Portuguez e Brasileiro
SÊDE
Rua Augusta, 34 — Lisboa
FILIAL
P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL: Esc. 3.500.000\$00
RESERVAS: Esc. 1.400.000\$00

Agentes em todo o país
Depósitos à ordem e a prazo em moedas portuguezas e estrangeiras
Compra e venda de câmbios
Correspondentes em todas as principais praças do mundo
Operações bancárias de todos os géneros
Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

CORREIAS
Inglesas de couro, balata, pelo de camelo, etc., da acreditada fabrica de John Tullis & Son Ltd. (Glasgow)
(FUNDADA EM 1898)
Representantes exclusivos e depositarios
COSTA & RIBEIRO, LTA.
LISBOA R. Vasco da Gama, 58
Telefone C. 2651
Porto Largo dos Leões, 69

OURO
Mais barato e só pelo péso
NÃO SE PAGA FÉNTIO
Cordões, Cadeias, Brincos, Travessões, Afimetes para gravata e mais artigos que se vendem pelo péso.
Vende 60 (75)
Ourivesaria do Barateiro Pimenta
RUA DA PALMA, 2

CHÁS
Café (Preto fino, quilo esc. 4\$00 Verde fino, quilo esc. 5\$00 Hysson, de esc. 6\$00 a esc. 8\$00 o quilo.
PEROLA de esc. 7\$00 e esc. 8\$00
JERONIMO MARTINS & FILHO
RUA GARRETT, 13 a 23
Leiam todos — Um folheto de boa propaganda em tempo de eleições, por E. Malatesta Preço 2 centavos Nesta administração ou no Cais do Sodré, 68

JOÃO DE OLIVEIRA DUQUE
ESTANCIA DE MADEIRAS Nacionais e Estrangeiras
Grande sortimento de soalhos de pinho da primeira qualidade Forros e fustigados de todas as qualidades Vigamentos de pinho em grosso e serrado : : : : casquinha e spruce : : : : Perragens, pregos, talhas, tijolos, cal, cimentos e manilhas (100)
Rua do Bemfôrmoso, 28 e 290 — LISBOA
Rua Miguel Pais, 107 BARREIRO

COLLARES
Viuva Gomes, Rua Nova da Trindade, 90

SIFILIS
Grandes descobertas de plantas para a cura de sifilis e outras doenças que dependem da impureza do sangue. Curam-se de pessoas em todas as idades. Tratam-se de todas as doenças venéreas. Preço: 500 reis. Tratam-se de Oliveira, 7, Rua de S. João, 1.

ALGÉS
Escritório para pedidos: Rua 1.ª de Dezembro, 34, 3.ª, Frente

CALÇADO BARATO
Só vende o CANDEIAS
INTENDENTE (defronte do Chafariz e na sua sucursal) RUA DO RATO, 24 e 35

Pechinchas
Para os revendedores de calçado Variado sortido Travessa dos Remolares, 30, 1.º

CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

COMPANHIA DE SEGUROS
Fundada em 1907
Capital nominal, 500.000 Esc — Capital realizado e fundos de reservas 550.000 Esc
Sede em Lisboa: Rua do Arco da Bandeira, 22
Seguros de: Incêndio, Agrícolas, Transportes terrestres e marítimos, Crisates e Valores pelo correio
DELEGAÇÕES — Porto, Braga, Coimbra, Faro, Guarda, Santarém e Torres Vedras
AGENCIA GERAL EM ESPANA — BARCELONA
22, rue de la Paix, no estrangeiro e em todas as terras do continente, ilhas e ultramar
TELEFONES — Administração, 3312 — Expediente, 1982